

Galeria Estação celebra 20 anos com exposição coletiva no Instituto Çarê, em São Paulo

Evento reúne oito nomes da galeria com obras em pinturas, esculturas de madeira e cerâmica (que fazem parte do acervo do espaço) e reforça parceria com a instituição cultural

A mostra coletiva "Cotidiano, imaginação e paisagem: Galeria Estação, 20 anos" abre no dia 03 de agosto de 2024 (sábado), das 11h até 15h, no Instituto Çarê, na Vila Leopoldina, em São Paulo. O convite para a realização do evento foi feito pelo Instituto Çarê, instituição cultural parceira da galeria desde 2023.

Curada por Taisa Palhares, a exposição tem obras dos artistas brasileiros históricos Antônio Poteiro (1925-2010), Izabel Mendes da Cunha (1924-2014), José Antônio da Silva (1909-1996), José Bezerra, Júlio Martins (1893-1978), Mirian Inêz da Silva (1948 -1996), Nino (1920-2002) e Noemisa (1947-2024).

O evento celebra a importância da Galeria Estação no cenário da arte nacional, relacionada à revalorização, ou mesmo a descoberta, de criadores que permaneceram à margem do sistema institucionalizado da arte, mas cujas obras carregam um espírito contemporâneo.

Além do caráter histórico, de reunir um grupo de artistas vivos e já falecidos, há similaridade no que diz respeito ao conteúdo temático das obras, com a presença marcante da relação entre o homem e o meio natural, do trabalho rural, do artesanato, das figuras religiosas e do imaginário das festas populares.

"A presente exposição celebra a atuação da colecionadora e galerista Vilma Eid, que nas últimas duas décadas tem se dedicado a apresentar ao público artistas brasileiros por muito tempo subvalorizados por não pertencerem ao cânone erudito da história da arte. Trata-se, em geral, de homens e mulheres de origem modesta, que desenvolveram seus trabalhos artísticos de maneira autodidata e longe dos grandes centros urbanos, criando um universo imaginativo próprio a partir da vivência da cultura popular, das atividades laborais tradicionais e da religiosidade", afirma a curadora Taisa Palhares.

Parceria

Esta não é a primeira vez que o Instituto Çarê e a Galeria Estação trabalham em parceria, mas em outra ocasião, o artista visual Santidio Pereira (representado pela galeria) participou da mostra coletiva "Nossa Vizinhança", que aconteceu no evento "Ocupação Çarê: Território Emboaçava", em setembro de 2023. O Instituto Çarê foi fundado pela artista visual Elisa Bracher, em parceria com Ana Cristina Cintra, que tem como principal objetivo a busca, a divulgação e a preservação da cultura brasileira.

"Minha trajetória no mercado da arte começou em 1984, quando fui convidada por Paulo Vasconcellos e Torquato Pessoa para ser sócia da galeria que levava o nome do Paulo. Também apaixonado pela arte brasileira, dos eruditos aos não eruditos, ele foi meu mestre. Depois que a galeria fechou, tive um escritório de arte; até que, em 2004, eu e meu filho Roberto inauguramos a Estação. Comemoramos os vinte anos de atuação da galeria com

esta exposição especial no Instituto Çarê. Especial porque fala de arte e de amizade", diz a fundadora e diretora artística da Galeria Estação Vilma Eid.

Sobre a Galeria Estação

Fundada no ano de 2004 em São Paulo, Brasil, a Galeria Estação inaugurou um programa curatorial atendendo a uma ampla comunidade de vozes artísticas não canônicas. Ao criar pontes transgeracionais entre artistas contemporâneos emergentes e autodidatas pioneiros.

A Galeria Estação inspirou uma rede integradora de figuras criativas e criadores de diversas geografias e formações educacionais. Desde 2008, o programa artístico inovador da galeria, instalado em um edifício arquitetônico, exhibe artistas brasileiros contemporâneos cujas origens culturais e práticas vernáculas complementam a primazia da arte autodidata - examinando os estilos artísticos sub-representados do país, trabalhando métodos e narrativas históricas ou até legados.

A diretora artística e fundadora da Galeria Estação, Vilma Eid, em colaboração com um distinto grupo de curadores convidados, propuseram diálogos em apresentações que transcenderam os relatos tradicionais do desenvolvimento de gêneros abstratos e figurativos nos séculos XIX e XX, iniciando explorações que questionam o que significa constituir o passado e o presente da arte brasileira.

Como resultado, a Galeria Estação é uma referência no Brasil e internacionalmente, uma força para a preservação de memórias e narrativas latino-americanas de outra forma descartadas, marginalizadas ou negligenciadas nas historiografias da arte brasileira.

Foi por meio desses e outros fatores que a Galeria Estação se tornou referência em obras únicas e com uma variedade de vertentes artísticas do Brasil. Continuando também a sua missão de oferecer oportunidades sem precedentes para que os espectadores experimentem visões expansivas da arte brasileira. Visões essas tanto locais quanto globais.

A Galeria Estação exhibe um grande grupo de artistas históricos: Agnaldo dos Santos, Agostinho Batista de Freitas, Amadeo Luciano LORENZATO, Artur Pereira, Chico da Silva, Chico Tabibuia, Conceição dos Bugres, Elza O.S, Geraldo Teles Oliveira – G.T.O, Gilvan SAMICO, Heitor dos Prazeres, Itamar Julião, Izabel Mendes da Cunha, José Antonio da Silva, Madalena dos Santos Reinbolt, Maria Auxiliadora, Mirian Inêz da Silva, Sebastião Theodoro Paulino da Silva – RANCHINHO, Zica Bergami.

A crescente lista de artistas contemporâneos inclui: André Ricardo, Deni Lantz, Eduardo Ver, Higo José, José Bezerra, Julio Villani, Rafael Pereira, Renato Rios, Santídio Pereira, Cicero Alves dos Santos - VÉIO. www.galeriaestacao.com.br

Sobre o Instituto Çarê

Organização sem fins lucrativos e centro cultural aberto à cidade, o Instituto Çarê foi criado em 2019 com a missão de colaborar com o bem-estar e divulgar a obra de músicos brasileiros de grande importância, dar centralidade à cultura que escapa do radar do mercado, formar acervos, apoiar pesquisas em campos negligenciados, salvaguardar patrimônios relevantes e oferecer à população do entorno um ambiente de trocas rico e

inclusivo. Organiza-se em núcleos de ação coordenada nos campos de educação, com projetos de educação ambiental e fortalecimento de comunidades; música, focado em difundir manifestações relevantes; artes visuais, voltado a fomentar poéticas novas e formar públicos; pesquisa, que investe na ampliação da base de dados sobre populações minorizadas para subsidiar políticas públicas; e acervo, que protege, qualifica e dá acesso a coleções que preservam trechos da história da cultura brasileira.

Sobre a curadora

Taisa Palhares é professora de Estética no Departamento de Filosofia do IFCH-Unicamp. Possui graduação (1997), mestrado (2001) e doutorado em Filosofia (2011) pela Universidade de São Paulo (USP). Realiza estudos nas áreas de Teoria Crítica, Estética e Artes Visuais, com ênfase na pesquisa sobre a fundamentação da obra de arte desde a Modernidade. Foi curadora da Pinacoteca do Estado (São Paulo) de 2005 a 2015, onde organizou diversas exposições e cursos, entre eles a mostra retrospectiva itinerante "Mira Schendel" (2013-2014), em parceria com a Tate Modern (Londres). Recebeu o Prêmio Jabuti (2011), na categoria "Livro Didático e Paradidático", pela idealização e organização do livro "Arte Brasileira na Pinacoteca do Estado de São Paulo" (São Paulo: Cosac Naify, Imprensa Oficial, 2010). Publicou o livro "Aura: a crise da arte em Walter Benjamin" com auxílio da FAPESP (São Paulo: Editora Barracuda, FAPESP, 2006). Realizou a curadoria da exposição "Murilo Mendes, poeta crítico: o infinito íntimo", com Lorenzo Mammì e Maria Betânia Amoroso, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (2023). A mostra foi premiada em 2024 na categoria "Melhor Exposição Nacional - 2023" pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). É coordenadora do GT de Estética da ANPOF (2023-2024). Atualmente é Coordenadora de Graduação do curso de Filosofia da UNICAMP e organiza o "Grupo de Estudos em Estética e Teoria da Arte" (GEETA).

Sobre os artistas

Antônio Poteiro [Antônio Batista de Souza] (Santa Cristina da Posse/PT, 1925 - Goiânia/BR, 2010)

Chegou criança ao Brasil, onde viveu em São Paulo, Minas Gerais e entre os índios carajás, na ilha do Bananal, fixando-se em Goiânia em 1955. Foi cisterneiro, padeiro, cozinheiro e faxineiro antes de iniciar-se na arte do barro com o pai, o ceramista Américo de Souza, que fazia potes e utensílios. Daí o apelido Poteiro. Desejoso de dar outras formas à matéria, passa a esculpir santos, urnas, animais sagrados e sonhos. Em 1973, animado por Siron Franco, inicia-se na pintura, somando temas religiosos e crítica política: em uma Última Ceia, a mesa é decorada com notas de dólar e libra. Suas obras estiveram na Bienal de São Paulo em 1981 e 1991 e foram vistas em mais de vinte países.

Izabel Mendes da Cunha (Itinga-MG, Brasil, 1924-2014)

Filha de paneleira e lavradora, casada com um vaqueiro, começou nos anos 1970 a produzir seu figurado inicial, com bois, cavaleiros, passarinhos pousados em galhos e pequenos presépios, que recebiam engobo de barro branco. A partir de 1978, cria as noivas e noivos, mulheres amamentando, matronas e moças de grande formato que a notabilizaram. Com tons de barro diversos, confere extraordinária expressão às fisionomias caboclas, brancas ou negras. Vendendo a compradores do Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, foi a única artista do Vale do Jequitinhonha a alcançar preços minimamente justos para seu trabalho. Participou de exposições nas capitais do Sudeste desde os anos 1980, e seu trabalho está representado nos principais museus de arte popular do país.

José Antônio da Silva (Sales de Oliveira (SP), 1909 - São Paulo, 1996)

Filho do carreiro de bois, só começou a pintar aos 37 anos. Antes, lutou para sobreviver em serviços árduos no interior de São Paulo. Casado e com filhos, começou a fazer desenhos a lápis. Em 1946, vivendo em São José do Rio Preto e trabalhando como garçom, vence concurso da Casa de Cultura com Boizinhos, óleo pintado em flanela. Pouco depois, participa de bienais de São Paulo e ganha uma sala especial na Bienal de Veneza. Quarenta anos no meio rural deixaram forte marca em sua pintura, na qual predomina a paisagem e o homem entregue às lides do campo. Em 1975 estabeleceu ateliê em São Paulo. Sua obra foi tema do curta-metragem Quem não conhece o Silva?, de Carlos Augusto Calil (1978) e de retrospectiva no Museu de Arte Contemporânea da USP.

José Bezerra (Buique (PE), Brasil, 1952-)

Nascido entre o sertão e o agreste, foi lavrador, trabalhador braçal, carreiro. Matou bichos para comer e derrubou árvores para fazer lenha, o que hoje tenta expiar pela arte. Há dez anos sonhou que era chamado a fazer suas esculturas. Passou a olhar as madeiras que o cercavam e a intervir nelas. Não esculpe de forma tradicional, trabalhando um bloco de madeira para alcançar uma forma definida; procura ver a figura que se insinua no lenho – em geral, umburana – e trazê-la à tona com a intervenção rude de facão, grosa, formão e serrote. A expressividade angulosa de seus trabalhos vem da compreensão de que o próprio meio que contribuiu para seu surgimento, a região do Vale do Catimbau, está prestes a ser posto abaixo pela mudança acelerada nas relações econômicas do país.

Júlio Martins [Júlio Martins da Silva] (Icaraí (RJ), Brasil, 1893 - Rio de Janeiro, Brasil (1978))

Cresceu na roça, mas mudou-se com a família para o Rio de Janeiro após a morte do pai. Desde garoto, gostava muito de poesia. Jovem, frequentava teatros e cafés-concertos. Passa por diversos empregos antes de tornar-se cozinheiro no Hotel Avenida. Começou a pintar com lápis crayon aos 29 anos. Aposentado, morando no morro União, em Coelho da Rocha (RJ), passa a se dedicar exclusivamente às telas, agora usando tinta a óleo. Pinta essencialmente paisagens, a partir de atentos estudos de folhas, árvores, pássaros, flores, gestos, vestimentas, animais; as figuras humanas se fundem harmoniosamente em seu halo verde. Se tudo é delicadeza, idílio, euforia, às vezes repassada por uma ponta de humor, o pintor não se furta a expor a angústia histórica do seu tempo.

Mirian Inêz da Silva (Trindade (GO), Brasil, 1948 - Rio de Janeiro, Brasil, 1996)

A obra da artista reflete vivências diversas, da cultura popular do interior brasileiro e das sociedades metropolitanas, permeadas pela cultura de massa. Depois de cursar a Escola Goiana de Artes Plásticas, estudou pintura com Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro. Começou como gravadora, explorando a visualidade do cotidiano; reconhecida imediatamente pelo circuito institucional, participou das bienais de São Paulo em 1963 e 1967. Abandona a xilogravura no final dos anos 1960 e, em 1970, realiza sua primeira mostra de pinturas. Voltada a aspectos da sociabilidade no meio rural e na cidade, sua obra volta-se ao que é vivo, festivo, pulsante e corriqueiro, e revela a preocupação com uma certa brasilidade, buscada na natureza e na cultura.

Nino [João Cosmo Felix] (Juazeiro do Norte (CE), Brasil, 1920 - 2002)

Antes de dedicar-se à escultura em madeira, começando por brinquedos, cortou cana-de-açúcar e trabalhou como ferreiro. Em 1974 fazia animais de madeira com caudas de imburana, cambão ou timbaúba. Na década de 1980 dá o grande salto para esculturas

de dimensão maior, de 1 metro de altura ou mais. No monobloco de madeira, esculpe em alto-relevo ou recorta pássaros, elefantes, bois, macacos, casamentos e reisados, que pinta com cores temperadas por ele. Já expôs individualmente no Rio de Janeiro, e em coletivas como Brésil, Arts Populaires (Grand Palais, Paris, 1987) e Mostra do Redescobrimento (Oca, São Paulo, 2000). Sua obra integra importantes coleções públicas e privadas no Brasil e no exterior. Analfabeto, viveu em Juazeiro do Norte até a morte.

Noemisa [Noemisa Batista dos Santos] (Caraiá (MG), Brasil, 1947 - 2024)

Muito jovem aprende a modelar o barro com a mãe, Joana, paneleira, que introduziu em Caraiá a “moringa-mulher de três bolas”, vasilha para água com tampa de cabeça feminina e base tripartida. Diferentemente da mãe e da avó, começa esculpindo figuras, e compõe uma verdadeira crônica da vida de seu bairro ao reproduzir batizados, casamentos, moços dirigindo carros. Sua arte é feminina, com delicadas aplicações de barro claro nos vestidos, na decoração das capelas, nas toalhas das mesas. Suas esculturas estiveram na exposição Brésil, Arts Populaires (Grand Palais, Paris, 1987) e na Mostra do Redescobrimento (Oca, São Paulo, 2000), e integram acervos importantes de arte popular. Uma das artistas mais originais da arte cerâmica brasileira, vive isolada e em condições econômicas difíceis.

SERVIÇO RÁPIDO

Mostra coletiva "Cotidiano, imaginação e paisagem: Galeria Estação, 20 anos"

Artistas: Antônio Poteiro [Antônio Batista de Souza] (1925-2010), Izabel Mendes da Cunha (1924-2014), José Antônio da Silva (1909-1996), José Bezerra, Júlio Martins [Júlio Martins da Silva] (1893-1978), Mirian Inêz da Silva (1948-1996), Nino [João Cosmo Felix] (1920-2002) e Noemisa [Noemisa Batista dos Santos] (1947-2024)

Curadoria: Taisa Palhares

Parceria: Instituto Çarê

Abertura: 03/08/24 (sábado), 11h até 15h

Visitação: até 31/08/2024

De terça a sábado, das 13h às 18h

Local: Instituto Çarê

Rua Doutor Avelino Chaves, 138

Vila Leopoldina, São Paulo - SP, 05318-040

www.institutocare.org.br

redes sociais

Galeria Estação [@galeriaestacao](https://www.instagram.com/galeriaestacao)

Instituto Çarê [@institutoculturalcare](https://www.instagram.com/institutoculturalcare)

Taisa Palhares [@taisa_helena_palhares](https://www.instagram.com/taisa_helena_palhares)

marmioli comunicação, 21 ANOS

Erico Marmioli

[+5511] 993.727.774

erico@marmioli.com

marmioli.com

FB IG [/marmioliPR](https://www.facebook.com/marmioliPR)